



**O ESCÂNDALO** — Estava tudo pronto para a exibição de **Nenê Bandalho**, de Emílio Fontana, quando a polícia ocupou o cinema e apreendeu a cópia. No seu lugar, foi exibido, debaixo de uma das maiores vaias que o Festival já teve, um documentário sobre futebol, **Brasil Bom de Bola**.



**ESPECIALIDADE DA CASA** — Um filme especial de um diretor muito especial — **Como Era Gostoso o Meu Francês**, de Nelson Pereira dos Santos — impressionou pouco o júri oficial do VII Festival, mas agradou muito ao público que lhe deu o prêmio de melhor filme de acordo com o júri popular.



**O MELHOR** — Carlos Kroeber foi o melhor ator e **A Casa Assassinada**, de Paulo Cesar Saraceni, o melhor filme pelo júri oficial do VII Festival. Apesar disso, a carreira do filme — baseado no romance de Lúcio Cardoso **Crônica da Casa Assassinada** — não foi bem em termos comerciais.



O País de São Saruê: **cinema-verdade proibido pela censura**

## Censura: a estrela do festival de 70

*Invasão de cinemas e apreensão de cópias, a ditadura entra em cena*

Enquanto Salvador Allende decretava estado de emergência no Chile, Brasília assistia a mais um festival de cinema. Mas a verdade é que a polêmica que envolveu o **VII Festival** não deixava muito a desejar em relação às agitações de rua no Chile. Em 1971, os problemas com a censura começaram antes do Festival e entraram em cena dentro.

80 filmes de longa-metragem foram produzidos durante o ano, mas era inegável, mesmo assim, a crise pela qual passava o cinema brasileiro. Faltava financiamento e os filmes aguardavam meses, às vezes até mais de 1 ano, para entrarem no circuito comercial. O produtor Alfredo Palácios chamava a atenção para o fato de que o rolo de filme virgem estava mais caro do que o rolo já filmado: "Um rolo de filme virgem de 300 metros custa 138 dólares, enquanto o mesmo rolo, já filmado, é vendido pelas distribuidoras americanas (fora o preço dos royalties) por 120 dólares". Osvaldo Massaini, produtor de **O Pagador de Promessas**, pedia medidas protecionistas, "para acostumar o espectador a consumir o prato da casa. Isso garante a produção", explicava ele.

Mas tudo começou muito antes. Aprovado por unanimidade pela comissão de seleção, o filme **O País de São Saruê**, documentário em longa-metragem dirigido por Vladimir Carvalho, estava proibido pela censura, que inclusive impediu sua exibição na Semana de Crítica do Festival de Cannes. A verdade é que, ao tratar os problemas do Nordeste de uma forma realista (inspirado no cinema-verdade de Dziga Vertov), Vladimir realizou um filme geométricamente oposto ao

que protagonizavam as campanhas publicitárias do ditador Médici. Chegou a receber conselhos para que incluísse um discurso de Médici como estratégia para a liberação do filme, mas ficou pé.

Apesar da decisão unânime da comissão de seleção, a Fundação Cultural recusou o filme. O Conselho Consultivo da Fundação sempre pedia à censura pelos filmes com problemas e que eram escolhidos para Festival, que geralmente tinham suas cópias liberadas para o certame. No caso do **São Saruê**, não houve sequer resposta do conselho aos apelos de Vladimir, que resolveu ir pessoalmente a Rogério Nunes, chefe da censura. "Como estava no fim do expediente, ele me disse que ia despachar com o General", a quem levaria diretamente o meu pedido. Aguardei por quase duas horas. Lá pelas sete da noite ele voltou e, num tom de segredo, revelou-me que o general Canepa havia estado com o ministro Buzaid, que recomendara a não concessão do liberatório em virtude do filme ser polêmico e desaconselhável para o momento, segundo suas próprias palavras, e principalmente pelo festival ser em Brasília".

No lugar do filme de Vladimir Carvalho, foi programado a "xaropada esportiva" **Brasil, Bom de Bola**, que tinha como **grand-finale** uma sequência em que Médici recebia Pelé com um abraço na tribuna de honra do Palácio do Planalto. Para completar o engodo, o filme já havia sido exibido comercialmente em Brasília, o que impediria sua exibição pelo regulamento do Festival.

Mas o espetáculo de mau

gosto não terminou aí. Outro filme selecionado foi também interdito, momentos antes da sua projeção: **Nenê Bandalho**, de Emílio Fontana, com Rodrigo Santiago, Lêda Vilela, Fernando Bencasa e Oswaldo Barreto, história baseada no conto de Plínio Marcos. O filme estava programado para a sessão de quarta-feira, dia 8 de dezembro, quando seria exibido junto com **Brasil, Bom de Bola**. Acusado de fazer a apologia dos tóxicos, **Nenê Bandalho** foi interdito na última hora. A polícia ocupou o cinema e apreendeu a cópia, que já estava pronta para ser exibida. Com isso, várias pessoas se retiraram e, sob ruidosa vaia, foi exibido o tal documentário sobre a conquista da Copa do Mundo de 70.

Artistas e diretores procuraram, no dia seguinte, o general Canepa, diretor do Departamento de Polícia Federal, declarando-se perplexos com a "insólita decisão". Pediram então que a cópia fosse ao menos liberada para projeção naquela noite, após a entrega dos prêmios. O general, no entanto, recusou-se a recebê-los alegando estar ocupado, mas prometendo atendê-los na semana seguinte. Brincadeira de mau gosto.

Estiveram no controverso Festival de 71 os seguintes longas: **O Anjo Mau**, dirigido por Roberto Santos, com Adriana Prieto, Jonas Melo, Francisco Di Franco, Bárbara Fazzio e Flávio Portho, **A Casa Assassinada**, de Paulo César Saraceni, com Carlos Kroeber, Norma Bengell, T.T. Medina, Leina Crespi e Nelson Dantas, **Cordélia, Cordélia**, de Rodolfo Nanni, com Lilian Lemmert, Francisco Di Franco, Nadir Fernandes e Pedro Paulo

Hatheyer, **Como Era Gostoso Meu Francês**, de Nelson Pereira dos Santos, com Arduino Colassanti, Manfredo Colassanti, Ana Maria Magalhães e Gabriel Archanjo, **A Culpa**, de Domingos de Oliveira, com Dina Sfat, Nelson Xavier, Paulo José e Rodolfo Arruda, além de **Brasil Bom de Bola** e **Nenê Bandalho**.

Durante a entrega dos prêmios, no dia 9, foi prestada uma homenagem a Glaucete Rocha, recentemente falecida, com a projeção de seu último filme como atriz: **A Hora Marcada**, de Iberê Cavalcanti. **A Casa Assassinada** foi o melhor filme pelo júri oficial. Já o júri popular escolheu **Como Era Gostoso o Meu Francês**, que levou também o prêmio Carmem Santos e o troféu de melhor produção oferecido pelo INC. Carlos Kroeber foi o melhor ator por seu trabalho em **A Casa Assassinada**, filme que também levou o prêmio de melhor trilha sonora (Tom Jobim) e melhor montagem (Mário Carneiro).

A melhor atriz foi Adriana Prieto, pelo trabalho em **O Anjo Mau**, e a melhor fotografia ficou com o filme **A Culpa** (Rogério Noel). **Como Era Gostoso o Meu Francês** arrebatou ainda os prêmios de melhor roteiro (Nelson Pereira), melhor cenografia (Regis Monteiro) e melhor diálogo (Humberto Mauro e Nelson Pereira). O melhor curta foi **Farnese, Caixas, Montagens e Objetos**, segundo o júri oficial já que o público preferiu **Som e Forma**, de Joaquim Assis. O troféu **Carmem Santos**, do I.N.C., foi para **Bexiga, Ano Zero**, que recebeu também o prêmio especial do júri, com **Som e Forma**. Depois disso, três anos sem Festival.